

## LIÇÃO 10

# CHEGANDO AO FIM DO MINISTÉRIO

**TEXTO ÁUREO:** “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7).

**LEITURA BÍBLICA:** 2 TIMÓTEO 4.1-8

### INTRODUÇÃO

Na lição de hoje meditaremos sobre as últimas palavras de Paulo a Timóteo. Estas também são, cronologicamente, as suas últimas palavras em relação a todas as demais epístolas. Veremos que, apesar de se encontrar em uma situação bastante adversa, o apóstolo nunca perdeu o senso de estar cumprindo a vontade do Senhor e agora, mais do que nunca, chegava ao fim do seu longo e abundante trabalho com a certeza da aprovação divina. Mas, antes de partir, ainda expressa o seu desejo de que aqueles que ficariam em seu lugar seguissem esse mesmo caminho com igual fidelidade e esperança de aprovação.

### I – CUMPRINDO O MINISTÉRIO (vv. 1-5)

Timóteo havia sido grandemente favorecido por Deus ao longo da sua vida, com a instrução que havia recebido ainda na infância acerca das Escrituras Sagradas e, na sua mocidade, com a fé que há em Cristo Jesus. Ao longo dos últimos anos, havia demonstrado seu compromisso sincero com o Senhor Jesus, dispondo-se a imitar o apóstolo Paulo tanto na “doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência” como também nas “perseguições e aflições”. Em outras palavras, havia manifestado os sinais de uma genuína eleição divina tanto para a vida eterna como para o ministério da palavra. Por isso Paulo o faz jurar “diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino”, como um pai que, antes de partir, tem uma última e mais importante vontade que deseja que seu filho a realize – com a diferença de que esta última vontade visa o bem exclusivo do próprio filho e que não é ao apóstolo, mas ao próprio Deus que Timóteo haverá prestar contas um dia.

Como já temos considerado mais de uma vez ao longo do estudo da primeira e segunda epístola, a obra principal de um ministro do evangelho – seja ele um pastor, evangelista, doutor, profeta – é a administração da palavra de Deus. Pregar, instar, redarguir, repreender e exortar, como aqui diz o apóstolo, com *longanimidade* – ou seja, paciência e persistência para com todos – e *doutrina*, isto é, a genuína revelação divina, tal como a temos nas Escrituras, no Evangelho. Outras atividades, mesmo que auxiliares ou complementares à piedade do obreiro, não devem *substituir* a ministração da palavra de Deus (cf. At 6.2, 4).

Retomando as considerações anteriormente feitas sobre os tempos difíceis que se aproximavam, Paulo reforça a necessidade de o obreiro perseverar na palavra porque somente desta maneira a multiplicação das heresias e dos falsos mestres que as propagariam poderia ser contida em seu esforço de desviar a muitos da verdade. O evangelho é uma mensagem espiritual, de renúncia ao pecado e submissão ao reino de Deus, mas, como esse apelo soa pouco agradável ao homem natural, muitos, desejando conciliar uma *aparência de piedade* com a liberdade para realizar os seus próprios desejos, debandariam para longe daqueles que pregam a verdade, em busca de falsos mestres que pregassem aquilo que essas pessoas gostariam de ouvir. De fato, podemos dizer que o próprio Deus permitiria que a atuação diabólica aumentaria nesse sentido, como um castigo pela rejeição da verdade (2 Ts 2.11-12).

### II – A PERSPECTIVA DA APROVAÇÃO DIVINA (vv. 6-8)

Em última análise, a obra do ministério é simples e fácil de descrever – como o próprio Paulo o fez nas poucas palavras acima – mas, ao mesmo tempo, difícil de cumprir. O compromisso que o

Senhor Jesus requer dos Seus obreiros implica em *aflições* de todo tipo, como já estudamos também em outras oportunidades. Não é por acaso que o apóstolo insiste tanto com seu filho na fé e acaba deixando para as gerações seguintes estas escrituras tão cheias de exortações. Mas a força das palavras que ora consideramos é ainda maior que a de qualquer exortação, pois manifestam a perspectiva de aprovação alcançada por um obreiro fiel antes mesmo de encerrar sua carreira neste mundo. O tempo e esforço aplicados na obra do ministério não são de modo algum desperdiçados, mas antes definem um alvo que, quanto mais se aproxima do nosso alcance, maior certeza e satisfação temos de que nosso trabalho não foi em vão (cf. Fp 3.12-16).

A *coroa da justiça* representa tanto o prêmio imerecido por nós, mas plenamente digno da fé preciosa que pela graça nos foi confiada (cf. Ef 2.8; 1 Pe 1.3-7); como também a recompensa de todo o trabalho envidado no servir ao Senhor Jesus, não de acordo com o que cada um poderia considerar ser merecedor, mas de acordo com a justa paga prometida a todos os que foram chamados a essa obra – seja Paulo, seja Timóteo, sejam todas as gerações que se seguiriam de fiéis ministros do evangelho, cujos nomes jamais conheceremos neste mundo (cf. Mt 20.1-16).

### III – CONSIDERAÇÕES FINAIS (vv. 9-22)

Passando então a considerações mais particulares e pessoais, o apóstolo insiste com Timóteo para que este venha até Roma, onde se encontrava preso, o mais depressa possível. Sem dúvida aqui há um desejo de ver novamente seu amado filho na fé (2 Tm 1.4), mas, mais do que isso, também revela a disposição de Paulo em continuar trabalhando na obra do ministério, mesmo com a perspectiva de já estar próximo ao fim e de ter agido até aqui sob a aprovação divina. Ele ainda precisa de cooperadores – não só de Timóteo, mas também de Marcos, “*porque me é muito útil para o ministério*” (v. 11). Somente Lucas estava com ele, enquanto os demais haviam partido para outras regiões, seja por tê-lo abandonado – como Demas – seja em missões apóstolicas – como Tíquico – ou outras por razões que desconhecemos. Ele também precisa de materiais escritos para continuar o seu trabalho – livros, “*principalmente os pergaminhos*”, que poderiam ser as Escrituras do “Antigo Testamento”, até então redigidas em longos rolos de peles de animais.

Notemos também que as adversidades que ele menciona aqui não têm o intuito de expressar ressentimento ou pesar, mas apenas para despertar em Timóteo a devida consideração sobre circunstâncias que qualquer obreiro de Cristo poderia enfrentar, inclusive nos seus últimos momentos, depois de uma vida de trabalho pela causa do evangelho – quando muitos tendem a esperar reconhecimento e apoio, mas podem acabar sendo ignorados e desamparados. Paulo analisa essas situações sob a luz da providência e graça divinas que lhe bastavam, como o próprio Senhor Jesus já lhe havia recomendado. Um certo *Alexandre, o latoeiro*, havia lhe causado muitos males; pois que *o Senhor lhe pague segundo as suas obras*, e que os fiéis tenham cuidado com ele. Ninguém o assistiu na sua primeira defesa; pois que *isto lhes não seja imputado* e, além disso, *o Senhor o assistiu e o fortaleceu*. Ademais, mesmo não vislumbrando prolongar seus dias depois que comparecesse segunda vez diante do imperador romano, o apóstolo tem plena certeza de que a vontade de Deus se cumprirá, e que esta vontade sempre visa o bem dos Seus escolhidos. A perspectiva de livramento *de toda má obra*, então, diz respeito não à pena capital a que Paulo, segundo consta, foi submetido após esse julgamento; mas às tentações que tal circunstância poderia ter representado para a sua fé. Ele enfrentaria a terrível sentença dos homens com a segurança de que estava sendo, através dela, guardado por Deus para o *Seu reino celestial*.

### CONCLUSÃO

Continuemos a trabalhar para o Senhor sem desanimar nem desacreditar das Suas promessas. Ele é justo e fiel, e jamais deixaria de recompensar cada um segundo as suas obras. E, além disso, é certo que Ele recompensará abundantemente mais do que qualquer esforço e aflição a que nos submetemos nesta vida por amor à Sua obra poderiam merecer.